

5

Conclusões

A partir da análise das mudanças de *footing* da professora Mariana, foi possível observar como ela se projeta em seu discurso, de forma que pudemos ver alguns fatores pessoais e outros inerentes ao próprio ambiente educacional que justificam ou pelo menos exemplificam motivos que geram a insegurança de alunos à beira de se graduarem, ou recém graduados.

Certamente nem todos os professores da escola pública enfrentam as mesmas realidades vividas por Mariana, mas através da pesquisa feita é possível ao menos conhecer e entender um pouco das possíveis realidades vividas no processo de ensino e aprendizagem neste contexto.

Como fator pessoal, através das mudanças de *footing* de Mariana, a primeira questão que pudemos observar é que Mariana não escolheu fazer o curso de Letras motivada por sua vontade. Ela norteia seu discurso por dois eixos, alternando entre aspectos racionais e emocionais que contribuíram para que ela decidisse fazer Letras. Como vemos, ela decidiu continuar em Juiz de Fora, e a partir desta decisão escolheu um curso que estivesse ligado à área das Ciências Humanas e que oferecesse oportunidades de trabalho futuramente. Assim, Mariana abriu mão do curso de Comunicação Social (que correspondia à vontade dela) devido às poucas oportunidades de trabalho oferecidas na área. O curso de Letras não foi escolhido por motivos especiais. Além disso, antes de entrar para o curso, ela também não tinha nenhuma experiência na área de ensino. Ela então toma a experiência do outro como parâmetro, de forma que suas expectativas em relação a sua rotina de trabalho vinham do contato com alguns parentes que também são professores. Já aqui vemos duas possíveis fontes de frustração profissional: a falta de conhecimento sobre a futura área de atuação e a escolha de um curso incompatível com o que se deseja fazer.

Ao concluir o curso, Mariana passou a exercer a profissão em escolas públicas estaduais e municipais. Para falar de como “escolheu” os locais onde trabalhar, Mariana alterna entre passado e momentos atemporais, posicionando-se ora em um *footing* temporalmente mais afastado, ora em um tempo indeterminado. Ao mesmo tempo, Mariana nos apresenta um “eu agentivo”, que tem a possibilidade e liberdade de escolher os locais de trabalho (ligado ao “eu presente”) em oposição a um sujeito indefinido (“você” ou “a gente”), impossibilitado de fazer escolhas. Assim, ela relata que seus primeiros locais de trabalho não foram escolhidos por ela e, já nas primeiras escolas, Mariana teve os primeiros problemas. Os alunos da escola, segundo ela, ameaçavam e agrediam professores.

Esse problema foi resolvido ao fazer o concurso para se tornar professora efetiva. Após o concurso, Mariana passou a ter a possibilidade de escolher as escolas onde trabalhar. Porém, sem conhecer as escolas, a escolha se torna dificultada. Então, Mariana precisou levar em consideração a opinião de terceiros (Mariana então insere em seu discurso a fala do outro, como forma de demonstrar os fatores que a levaram a escolher as escolas onde trabalha). A sua escolha, conforme ela relata, se deu devido aos comentários feitos por terceiros sobre o comportamento dos alunos (afinal, o principal problema que ela havia enfrentado era justamente em relação ao mau comportamento).

Segundo ela, atualmente ela não tem grandes problemas. No entanto, o que vemos é o desinteresse por parte dos alunos em relação ao que está sendo ensinado. Não me cabe aqui, julgar o comportamento dos alunos, mas podemos ver que o conteúdo lecionado durante as aulas observadas não demonstra nenhuma relevância na vida dos alunos.

A própria coordenação, como visto no relato de Mariana e nas notas expandidas, tem um posicionamento pouco acadêmico em relação às aulas de Inglês, interrompendo as aulas e “ameaçando” os alunos. Isso é demonstrado quando Mariana usa-se de uma gradação para mostrar que o ensino, de forma geral, não recebe o apoio devido. Ela menciona inicialmente que não é a rede de ensino que determina o apoio dado ao ensino de Língua Inglesa, mas sim a escola ou, ainda, a direção.

Mariana não consegue articular seu posicionamento teórico com a prática adotada. Ela transita entre os *footings* do que ela acha que sempre dá certo e do

que ela faz de vez em quando. No entanto, ela demonstra que raramente faz as atividades que considera que sempre dão certo. Sua prática, na maioria das vezes, não condiz também com o gosto dos alunos (e, nem mesmo com uma possível necessidade).

Em relação às habilidades trabalhadas por Mariana, o que podemos notar é que ela tenta fazer um trabalho voltado para a leitura (que corresponde ao que é adotado no livro texto da biblioteca da escola). Fora isso, as demais aulas focaram apenas em aquisição de vocabulário (números). A fala, o *listening* e a escrita não foram trabalhados em nenhum momento. Mariana justifica, assumindo três posições diferentes (a de “eu pessoal”, “eu representante dos alunos” e “eu representante da coletividade”) que não é possível trabalhar outras habilidades devido ao número de alunos em sala.

Os pais também não são incentivados a participar ativamente do processo de ensino e aprendizagem. Eles são convidados a ir à escola apenas para tomarem ciência do mau comportamento apresentado pelos filhos ou das notas baixas. Da mesma maneira, acredita-se que em casa o apoio também não é oferecido. Mariana relata a participação dos pais inserindo supostas falas dos mesmos e mostrando que, para eles, a nota é que determina o sucesso ou fracasso dos filhos.

Em relação ao material didático, Mariana às vezes usa o da biblioteca da escola, que não é suficiente para a turma toda. Os alunos não possuem material. Mariana também tem uma quota de fotocópias insuficiente. Dessa forma, ela acaba se restringindo ao uso de quadro e giz, enquanto os alunos usam caderno e lápis. Nas aulas em que o livro da escola não é usado, os alunos passam a maior parte do tempo copiando informações do quadro. Mariana aqui se posiciona como agente, quando fala da aquisição dos materiais, por ela, junto dos alunos. No entanto, quando se refere à falta de material, a escola passa a ser o sujeito. Então, ela usa o pronome “a gente”, de forma bem abrangente, a fim de defender a classe dos professores, acusada de não fazer um bom trabalho (“aí dá pra entender como a gente não consegue trabalhar. (.)” – linhas 230 e 231).

Os alunos, como consta da entrevista, vêm de diferentes regiões da cidade, aumentando ainda as multiplicidades de realidades presentes na sala de aula.

Desta forma, vemos que são vários os fatores que interferem para que o processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa, neste caso, não seja satisfatório. Além de questões pessoais, o próprio ambiente de trabalho e a falta de

articulação entre os membros da instituição também geram resultados negativos para o processo educacional.

Como graduanda, me foi possível perceber a grande complexidade que envolve o ambiente escolar a partir de reflexões sobre observações feitas dentro do próprio ambiente. Hoje, acredito que a participação em um projeto de pesquisa no curso de graduação, bem como a observação direta de fatores que ocorrem no ambiente escolar e a reflexão sobre os mesmos, tenham sido de grande importância para minha formação, me ajudando a entender um pouco mais a rede interacional da escola pública. Como mestranda e professora, acredito que

a pesquisa como princípio educativo produz o saber e a consciência crítica e desenvolve a capacidade de intervenção, ao passo que, enquanto princípio científico, produz ciência em seu sentido mais acadêmico e deve, portanto, ser mais sistemática e consistente. (Mateus, p. 7. In: Gimenez, 2002)

Assim, afirmo mais uma vez a importância da realização da pesquisa em sala de aula, desde a graduação, de forma que o futuro professor possa refletir sobre práticas “reais”, sem desconsiderar a teoria, mas articulando teoria e prática e desenvolvendo pensamento crítico em relação a ambas. Além disso, a pesquisa em sala de aula no decorrer da graduação é útil no sentido de que pode ajudar o professor em formação a refletir sobre problemas vivenciados por alunos e professores observados ou que serão vivenciados, em vez de apenas acreditar que ele nunca enfrentará os mesmos problemas ou que ele poderá corrigir um problema já existente.

5.1

Considerações finais

Esta dissertação teve origem a partir de duas preocupações principais: entender os motivos que levavam à insegurança dos graduandos do curso de Letras ao se aproximarem do período em que de fato deveriam assumir suas próprias salas de aula e compreender um pouco mais das realidades vividas em um dos mais complexos ambientes de atuação profissional dos professores de Língua Inglesa (a escola pública). Sua continuidade se deve à preocupação

voltada para a necessidade da inserção mais consistente da pesquisa de sala de aula nos cursos de graduação.

Para tal, analisei o discurso de uma professora de Inglês que leciona em uma escola pública na região central da cidade de Juiz de Fora – MG.

A partir das notas expandidas e da entrevista construídas durante o período de observação, foi possível analisar as mudanças de projeção da professora, de forma a buscar entender suas atitudes perante o processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa.

Considerando todos os problemas apresentados por Mariana, ou seja, a decisão desmotivada de fazer Letras, os problemas enfrentados com os alunos, a baixa remuneração e a conseqüente excessiva carga horária, as dificuldades de articulação entre teoria e prática e entre o conteúdo programático e a vida real dos alunos, a falta de harmonia entre os profissionais da escola e a pouca participação dos pais, pudemos observar e refletir sobre as complexas realidades que circundam o processo de ensino e aprendizagem.

A observação destes problemas pode ser um dos fatores que geram a insegurança dos graduandos, nas vésperas de suas formaturas. Porém, acredito que tal insegurança possa ser diminuída se, em vez de apenas ouvirem os relatos, os alunos da graduação participarem como pesquisadores em futuros ambientes de trabalho, refletindo sobre as realidades encontradas e sobre a atuação das pessoas envolvidas no processo educacional (professores, alunos, pais, coordenadores, entre outros).

Dessa forma, pelo menos alguns aspectos da sala de aula já teriam sido vivenciados e discutidos durante o curso de graduação, o que fortaleceria o “eu” do futuro profissional. É inegável o fato de que nossas experiências de vida contribuem para posicionamentos e decisões que precisam ser tomadas frente a situações problemáticas que enfrentamos. Conforme colocam Pimenta & Ghedin (2002, p. 20),

frente a situações novas que extrapolam a rotina, os profissionais criam, constroem novas soluções, novos caminhos, o que se dá por um processo de reflexão na ação. A partir daí, constroem um repertório de experiências que mobilizam em situações similares (repetição) configurando um conhecimento prático.

Através da observação da sala de aula, os acadêmicos poderiam refletir sobre a experiência do outro e identificar necessidades de atitudes semelhantes ou diferentes das atitudes tomadas, transformando a própria prática.

Além disso, a pesquisa durante a graduação pode servir como mola propulsora para pesquisas futuras, que então poderão ser realizadas até mesmo em suas próprias salas de aula, ao longo da vida docente, além de reforçar a necessidade de uma formação contínua.

Nas palavras de Van Lier (1994, p. 8) “uma borboleta movendo-se no ar, hoje, em Pequim, pode transformar os sistemas de tempestade no próximo mês em Nova York (Gleick, 1987:8)”. Assim também, a reflexão sobre a prática de outros professores pode influenciar e transformar nossas práticas futuras, gerando transformações múltiplas.

Considero que seja necessário que os cursos de graduação possam fortalecer as bases teóricas oferecidas através de uma reflexão crítica sobre a prática. Contudo, para que isso seja possível é necessário que a prática seja, de fato, observada.